«Uma paisagem sem limites através do buraco da fechadura» A filosofia de Fichte, Jacobi e Schelling através das cartas de Caroline Bhöme-Schlegel-Schelling

Giorgia Cecchinato

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ref/1447>

DOI: 10.4000/ref.1447

ISSN: 2258-014X

Editora

EuroPhilosophie Editions

Refêrencia eletrónica

Giorgia Cecchinato, ««Uma paisagem sem limites através do buraco da fechadura» A filosofia de Fichte, Jacobi e Schelling através das cartas de Caroline Bhöme-Schlegel-Schelling», *Revista de Estud(i)os sobre Fichte* [Online], 20 | 2020, posto online no dia 01 junho 2020, consultado o 26 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/ref/1447> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/ref.1447>

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 janeiro 2021.

© EuroPhilosophie

«Uma paisagem sem limites através do buraco da fechadura» A filosofia de Fichte, Jacobi e Schelling através das cartas de Caroline Bhöme-Schlegel-Schelling

Giorgia Cecchinato

NOTA DO AUTOR

A autora agradece a UFSCar e o apoio financeiro da FAPESP.

1. NÃO APENAS MUSA

Nas últimas décadas, o interesse pelas protagonistas femininas do romantismo intensificou-se.¹ Uma das figuras mais fascinantes do *Frühromantik* é certamente Caroline Bhöme-Schlegel-Schelling. Nascida em 1763, filha do teólogo e orientalista Johann David Michaelis, professor da Universidade de Göttingen, Caroline pôde desfrutar de um ambiente cultural muito rico e estimulante durante sua infância e juventude. Devemos lembrar que, por volta do final do Século XVIII, um terço das mulheres alemãs eram analfabetas e a maioria dos outros dois terços mal possuía o básico da alfabetização. O acesso às universidades era proibido às mulheres e em geral a figura da mulher erudita era considerada com suspeita, sarcasmo e às vezes com hostilidade aberta,² também do ponto de vista feminino (CANTARINO, 1980). A própria muito jovem Caroline comenta o sucesso acadêmico de Dorothea Schlözer, sua conhecida, também filha de um professor universitário de Göttingen, que foi a primeira mulher alemã a receber o título de *Doktor Philosophiae* na mesma universidade, como segue: «É verdade que Dorothea tem talento e inteligência de sobra, mas infelizmente

para ela; porque com essas qualidades [...] ela não pode esperar nem verdadeira felicidade, nem estima. Uma mulher é valorizada apenas pelo que ela é como mulher ».³ Caroline conquistou sua autonomia e contribuiu com sua experiência e seu exemplo para a emancipação das mulheres de seu tempo, mas nunca aspirou ser acadêmica, muito menos viver de seu trabalho intelectual. Por um lado, ela cresceu em um ambiente acadêmico do qual podia absorver livremente todos os estímulos: A casa do professor Michaelis era frequentada por intelectuais do calibre de Lessing e Alexander von Humboldt, as biografias de Caroline também relatam uma visita de Benjamin Franklin e outra de Goethe que emocionou e impressionou a jovem, além disso, ele poderia usar a biblioteca doméstica e a rica biblioteca da universidade de Göttingen; por outro lado, como a maioria dos adolescentes de sua época, aspirava a cumprir seu destino de esposa e mãe. De fato, ela se casou com o médico Böhmer em 1784 e mudou-se para Clausthaler, nas montanhas do Harz onde a pobreza das relações sociais e a solidão da nova esposa e logo mãe transformaram o amor pela leitura da jovem em verdadeira voracidade (*Lesewut*). Recebia livros de Göttingen por intermédio de sua irmã Lotte e, como atesta a correspondência daqueles anos, se dedicou com o mesmo interesse a todos os tipos de leitura, *Don Carlos* de Schiller, *Anton Reiser* de Moritz, livros de história e poesia. O encontro com escritos filosóficos, mais exigentes, como *Über die Lehre von Spinoza in Briefen an den Herrn Moses Mendelssohn de Jacobi e Gott! Einige Gespräche de Herder* remonta aos anos de exílio nas montanhas. Os livros representam sua sobrevivência e seu alimento na solidão de Clausthaler. Caroline escreve para a irmã: «Não me mande fitas de cetim para o relógio, mas desta vez algo para ler em escrita gótica. Eu te peço pão e você me dá uma pedra » (C.C., p.20).

Viúva depois de quatro anos, a jovem Carolina, grávida e com dois filhos pequenos, retorna a Göttingen e retoma os encontros com intelectuais e estudantes, entre eles está o jovem Wilhelm August Schlegel que não deixa de mostrar um terno interesse, não retribuído, pela viúva Böhme. As biografias coincidem e as cartas confirmam que Caroline, mais madura, ainda cheia de energia e vida, apesar da dor que a atingiu em poucos anos (além de seu marido, ela rapidamente perdeu seu filho recém-nascido, seu pai e sua segunda filha) está determinada a desfrutar de sua autonomia e a se abrir para o mundo, a fim de «levar uma vida ativa e nutrir seu intelecto» (C.C. p, 21). Por esta razão, após um período de indecisão, foi para Mainz em 1792, como convidada dos Forbergs. A cidade havia sido conquistada pelas tropas francesas, conforme relatado pela própria Caroline; os nobres fugiram, assim como o arcebispo eleitor, autoridade máxima da cidade. Estudantes, professores universitários e alguns comerciantes e representantes da pequena e classe média fundaram um clube jacobino. Caroline apoiou moderadamente a causa revolucionária, pois compartilhava do ideal de maior justiça social,⁴ entretanto ela nunca aceitou ser chamada de jacobina.

Caroline, secretamente grávida do general C., é presa com sua filha Auguste, de seis anos, sob suspeita de ter participado dos motins republicanos. Seu amigo Wilhelm Schlegel e seu irmão Friedrich a socorreram durante e após sua prisão. Friedrich ficou fascinado com o caráter e a inteligência da protegida de seu irmão. Foi Caroline quem o introduziu na leitura de Condorcet e, segundo alguns críticos, mais tarde trouxe os ideais revolucionários para o coração do Jeaner Kreise (Rouge, 1904, p.153). Entre '93 e '94 praticamente vivendo em anonimato na aldeia de Lucka, enquanto Wilhelm honrava seu contrato como tutor na Holanda, Caroline aprofundou sua amizade com Friedrich. Liam juntos textos antigos e contemporâneos e discutiam sobre história, literatura e arte. Durante esses anos nasceu e se consolidou o entusiasmo de Friedrich Schlegel por

Caroline, o que aos olhos dele a transfigura em musa e personagem literária.⁵ Os escritos *Sobre Diótima* e *Sobre o caráter feminino dos poetas gregos*, ambos datados de 1797, são frutos de anos de estudo da história, filosofia e poesia gregas e, sem dúvida, foi a competência e interlocução de Caroline que despertou o interesse de Friedrich para o problema da formação e educação das mulheres⁶. Podemos identificar Caroline na Lisette do romance *Lucinde*. Aqui lemos textualmente «A adoração pela sua sublime amiga converteu-se em um centro fixo para seu espírito e fundamento para um novo mundo». (F. SCHLEGEL, 2019, p.49)

Em 1795 Caroline casou-se com Wilhelm Schlegel e deu início à grande aventura do Círculo de Jena. A casa Schlegel, Am Löbdergraben perto do Roter Turm, tornou-se um dos centros pulsantes da vida intelectual de Jena.⁷ Caroline com renovada confiança e com grande alegria discutiu sobre arte e literatura com as maiores mentes da época e teve uma rica produção intelectual. Poucos anos após a morte de Novalis e a separação de Wilhelm e Caroline, o Círculo se dissolve. Caroline, como é bem sabido, se casa com Schelling e segue-o até a Baviera.

Consideramos necessário ter como premissa essas breves notas biográficas para melhor compreender a personalidade de Caroline e tentar explicar qual pode ter sido sua influência no círculo de Jena. Quando chegou nesta cidade já não era mais moça, era culta, sofrido as vicissitudes de uma vida que na altura deve ter parecido muito mais do que aventureira, mas apesar das adversidades manteve uma veia irônica e muita energia. Além disso, como anfitriã em Jena, ela teve contato com os grandes espíritos da época sem sujeitar-se às mentes e opiniões dos mesmos. Conseguiu, portanto, afirmar sua opinião e seu gosto refinado de anos de leitura solitária e crítica epistolar.

Seu marido Wilhelm também se beneficiou da competência literária, linguística e prática de Caroline que cuidava dos contatos com editoras e das contas, colaborava ativamente nas traduções de Shakespeare, na redação de muitas resenhas e em alguns fragmentos do *Athenaeum*. No entanto, seria limitado e enganoso entender o papel de Caroline apenas como o de uma musa inspiradora ou conselheira, por mais que este seu papel tenha sido importante. O ensaio *Über Shakespeares Romeo und Julia* editado pela revista *Die Horen* de 1798, consiste na reelaboração de duas cartas de Caroline ao esposo. Caroline é a autora do ensaio *Die Gemälde. Ein Gespräch* publicado na revista *Athenaeum* de 1799 e de muitas resenhas anônimas. São delas as resenhas dos dramas de Iffland *Das Vermächtniss*, *Die Advokaten*, *Dienstpflcht*, por exemplo, editadas em 1797 na *Allgemeine Literatur Zeitung* e de alguns dramas de entretenimento de August Lafontaine (ATHENAEUM, 1798).⁸ O próprio Wilhelm não teria conseguido traduzir dezessete dramas de Shakespeare entre 1797 e 1801 sem a preciosa ajuda da esposa (C.C., p.42). Apesar da competência, alimentada e refinada pelas novas leituras, pelo trabalho de resenhista e de tradutora, além das frequentes conversas e discussões epistolares, Caroline não se tornou uma escritora como algumas suas contemporâneas, lembramos por exemplo Sophie La Roche, Madame de Staël, a cunhada Dorothea Veit e a amiga Therese Forster-Huber (BECKER-CANTARINO, 2000). Tanto Novalis quanto F. Schlegel a exortaram para que ela mesma escrevesse um romance, (C.C., p.27) mas ela nunca quis ir além da *kleine Form*, a pequena forma da resenha na qual conseguia misturar um estilo erudito à conversa familiar. Sem dúvida a forma de escrita em que o seu talento, a sua personalidade e a sua cultura ressaltavam mais é o *Briefschreiben*. É justamente nas cartas que podemos encontrar as suas reflexões sobre a filosofia.

2. O VALOR DO EPISTOLÁRIO DE CAROLINE

Como lembra Vania Fattorini, tradutora para o italiano e organizadora de uma significativa seleção das cartas de Caroline, a arte de escrever cartas era, para uma jovem da época «uma habilidade social» (C.C., p.28) como a dança e o canto. A literatura epistolar era expressão genuína da alta burguesia, pois essa forma de romance era muito amada pelo público. Os romances epistolares eram ao mesmo tempo espelho, modelos de comportamento e de pensamento dessa classe social. Pensamos por exemplo no Werther; além disso, a cultura epistolar espelhava o bem estar material dessa classe social, pois o correio era muito caro, como aponta Fattorini «no final de XVIII sec. enviar uma carta Magdeburgo a Berlim custava como três quilos de pão ou meio quilo de carne».(C.C. p.28)

Caroline desde a adolescência escrevia cartas, no começo em francês, como queria a moda da época, depois em alemão.⁹ As suas primeiras cartas continham principalmente desabafos juvenis e reflexões, ao longo dos anos, entretanto, as reflexões ficaram mais elaboradas, as crônicas mais coloridas e surgem as críticas literárias e as anedotas irônicas. Enfim, sua obra epistolaria, em que encontramos retratada sua vida, encontramos também um testemunho das mudanças históricas e culturais de uma época de revoluções. O caráter dialógico e direto das cartas, assim como a possibilidade de usar registros e tons diferentes adaptava-se perfeitamente à personalidade de Caroline que nunca abandonou, sequer nas resenhas publicadas, um tom de imediata franqueza. O leque dos destinatários das cartas, a partir da mudança de Gottingen para Clausthal aumenta e se enriquece ainda mais. Todas as personalidades intelectuais da época, se não corresponderam diretamente com Caroline, foram, pelo menos, objetos de suas cartas.

Se, por uma lado, é verdade que raramente o epistolário de Caroline afasta-se de relatos prevalentemente pessoais - mesmo as cartas que contêm observações críticas, ou resenhas de obras ou dramas, são ricas de anedotas particulares -, por outro lado, nos Séculos XVIII -XIX o *Briefschreiben* tinha também caráter público. Quem escrevia sabia que alguns trechos das próprias cartas podiam ser lidos publicamente em reuniões conviviais por serem particularmente divertidos, belos ou irônicos, ao mesmo tempo podiam também ser citados em outras cartas para um segundo destinatário.¹⁰ Como foi dito anteriormente, por exemplo, duas cartas de Caroline acerca do Romeu e Julieta enviadas a August Wilhelm Schlegel foram por ele transformadas num ensaio.

Podemos pensar que Caroline estava ciente da importância de sua atividade literária, ainda que anônima, e que estava plenamente satisfeita com a possibilidade de expressar seu talento entre conhecidos e amigos por meio de cartas, ou simplesmente, podemos deduzir pela intensa atividade relatada nas cartas, que na época de Jena ela estava muito ocupada para pensar em escrever um romance. A hipótese de Christa Bürger, é sem dúvida muito sugestiva: segundo a autora, Caroline teria cientemente optado para um *Nicht-Werk*, uma “não-obra” literária (BÜRGER, 1991, p. 161). De fato, a flexibilidade do *Briefschreiben*, a possibilidade de adaptar o registro estilístico e o tom ao destinatário ofereciam possibilidades mais congeniais à índole de Caroline. Isso sem falar na fragmentação e na amplitude dos temas que o gênero epistolar permite: reflexões pessoais, notícias do dia a dia, anedotas divertidas, crítica literária.

Friedrich Schlegel, que em poucos anos manteve uma correspondência intensa com Caroline reconheceu o valor íntimo e ao mesmo tempo intelectual desta produção, escreveu a ela em dezembro de 1797:

Se a senhora devesse escrever um romance, então o que poderia ser impresso das suas cartas é demasiado puro, belo e delicado para eu querer que seja, por assim dizer, despedaçado em fragmentos e tornado superficial por estar desenraizado. Penso pelo contrário que seria possível para mim compor com as suas cartas uma única e grande rapsódia.¹¹

3. CAROLINE ENTRE JACOBI E FICHTE

O que Friedrich Schlegel quis dizer com “rapsódia filosófica”, podemos apenas supor. Em sua própria ideia de filosofia, amplamente compartilhada por todo o Círculo, Schlegel reconhece a importância da singularidade de cada um na reflexão filosófica e busca acentuá-las, por isso afirma a necessidade de uma forma de produção que não seja simplesmente artificial, mas que seja viva e artística. O *Kunstprodukt* da consciência, ou o sistema filosófico, deve se tornar *Kunstwerk*, ou seja obra poética. Não se trata mais, como na *Doutrina da Ciência* de Fichte, de representar para o filósofo, um observador imparcial, a consciência que a priori constrói as condições para sua relação com o universo, mas sim de representar o próprio universo e a vida da consciência no universo. A correspondência epistolar, assim como o romance, reconstrói a vida de uma consciência individual que planeja concretamente suas ações espelhando o universo em si mesma e permite uma autorreflexão do autor que torna esse espelhamento possível. Nesse sentido, uma correspondência viva e rica como a de Caroline pode ser pensada como uma forma de poesia universal progressiva, uma narrativa aberta e livre na qual a vida une a especulação e a poesia com o cotidiano, a ironia com o drama, a poesia com a prosa. Caroline, por sua vez, pode ter concordado com essa visão, porém, ela sempre manteve uma posição de resguardo quanto à sua compreensão e familiaridade com as teorias e sistemas filosóficos.¹²

Sabemos que durante sua estada nas montanhas Harz se dedicou à leitura de Jacobi e Herder, mas não há comentários significativos sobre essas obras.

Mesmo nos primeiros anos em Jena, apesar do papel central da filosofia e figura de Fichte para o desenvolvimento e formulação original do pensamento do Círculo romântico, Caroline parece não estar particularmente interessada na filosofia deste.¹³ Caroline conheceu Fichte em julho de 1796, como atesta a carta que escreveu a Karl Schlegel no mesmo mês. Pelo que aprendemos nesta carta, o encontro não parece ter causado grande impressão nela: «No clube, conheci Fichte, um homem baixo e atarracado com olhos ardentes, vestido de maneira muito casual. Ele teve seu filho batizado com o nome de Immanuel Hartmann». (C.C. p.27)¹⁴

Parece possível perceber aqui uma certa ironia ao enfatizar a admiração de Fichte por Kant, na época o nome Immanuel fazia pensar “naquele Immanuel” de Königsberg. O erro de Caroline quanto ao nome, na verdade o filho de Fichte que mais tarde foi editor das obras de seu pai e ele próprio um filósofo, não é Hartmann, mas Hermann, se não for um problema de transcrição, pode indicar um trocadilho, *Hartmann*, significa homem duro que pode ser associado a um pensamento rígido e ultrapassado.

Só depois de alguns anos, durante a acalorada polêmica sobre o ateísmo, Caroline começa a se interessar mais profundamente pela filosofia de Fichte, como atesta suas cartas. Ele escreve para Johann Diederich Gries em junho de 1799: «Então você pode imaginar quão pouca sensibilidade eu tenho, na verdade, para o sistema de Fichte, que aprendi a decifrar um pouco apenas graças às últimas controvérsias». (C.C., p. 152)

A polêmica sobre o ateísmo fecha a agitada estada de Fichte em Jena ¹⁵e em certo sentido é o início do fim do círculo romântico, além de representar um ponto de

inflexão no pensamento do próprio Fichte. O filósofo de Rammenau era muito amado e admirado como professor e pensador, mas não era uma pessoa fácil: nos anos de Jena esteve envolvido em polêmicas e debates acalorados, reagindo com veemência às polêmicas, teve uma relação muito tensa com as sociedades estudantis (*studentische Geheimorden*) e provocou a comunidade religiosa dando aulas aos domingos, nos mesmos horários das celebrações litúrgicas. (ZÖLLER, 2015, p. 6-7) A gota d'água que o colocou definitivamente contra as autoridades locais foi uma publicação no outono de 1798 no "*Philosophischer Journal*", do qual Fichte, com Niethammer, eram editores. Nesta edição da revista se encontram dois artigos, um de Forberg, *Desenvolvimento do conceito de religião* e a resposta de Fichte ao mesmo: *Sobre o fundamento moral de nossa fé no governo divino do mundo* que deveria ter representado a posição oficial da Revista. Segundo Forberg, a existência de Deus é incerta, por isso não faz sentido falar de veneração divina e a religião nada mais é do que uma parte da moralidade. Fichte, no entanto, respondeu à Forberg com a afirmação de que Deus é a coisa mais certa que existe:

Trata-se então de um equívoco dizer: é duvidoso que Deus exista ou não. Não é duvidoso de maneira alguma, mas é a coisa mais certa que Ele exista, pois, pelo contrário, Ele é o fundamento de toda certeza, a única objetividade absolutamente válida, o fato de que haja uma ordem moral do mundo; que para cada indivíduo racional seja assinalado um lugar nesta ordem e que se possa contar com a sua atividade racional. (FICHTE, GA, I, 5, 319-347)

O ponto de vista específico de Fichte sobre a relação entre fé e moral é difícil de distinguir do de Forberg. A fé corresponde à afirmação indubitável de uma ordem moral e religiosa do mundo e essa ordem moral é a única forma do divino (*das Göttliche*) que ele admite inequivocamente¹⁶. Além das diferenças, os dois artigos provocaram uma reação decisiva das autoridades: o jornal foi confiscado, o governo prussiano ordenou ao Ducado de Weimar, responsável pela Universidade de Jena, que punisse Fichte e ameaçou proibir seus súditos de frequentarem a universidade de Jena. O governo de Weimar teria se contentado com uma reprimenda formal do senado acadêmico, mas Fichte respondeu com a veemência de sempre e em carta ao conselheiro Voigt ameaçou deixar a cátedra, confiante de que os demais colegas o seguiriam. Para os partidários de Fichte, para a maioria dos estudantes e para Caroline, uma veterana da república de Mainz, as pressões do governo da Prússia e do Ducado de Weimar representaram uma limitação intolerável à liberdade de pensamento.¹⁷ Fichte exortou os intelectuais a se posicionarem a seu favor em um apelo público no qual ele devolvia as acusações de ateísmo ao remetente e reafirmava que a única fé é a confiança no bem moral e sua vitória. Isso foi seguido por outro em que ele reiterou os mesmos argumentos com menos violência.

Há quatro cartas nas quais Caroline enfrenta a disputa sobre o ateísmo, duas dirigidas a Novalis, de fevereiro de 1798, nas quais ela toma posição a favor de Fichte reconhecendo a sua boa fé, honestidade e transparência do comportamento, além de constatar uma certa inconsciência demonstrada pelo incrédulo filósofo acerca da gravidade da situação em que se encontra. Caroline leu e entendeu as razões de Fichte no apelo ao público e demonstrou apreensão com o que estava acontecendo (C.C., p. 147). A terceira carta é de abril do mesmo ano e a destinatária é sua amiga Luise Gotter¹⁸. Aqui Caroline esclarece as etapas do conflito, critica o conselheiro Voigt por ter entregue a carta ao Senado, posto que se fosse amigo de Fichte, como se afirma, ele teria se recusado a submeter as ameaças de Fichte àqueles que tinham o poder de destruir sua carreira. Emerge da carta a clara consciência de Caroline da natureza de

que as acusações contra o filósofo eram apenas pretexto para atacar um personagem incômodo e muito invejado pelos outros professores.¹⁹

A última carta é a mais interessante do ponto de vista teórico e é dirigida a Johann Dietrich Gries em abril do ano seguinte. Uma grande parte desta carta trata da chamada *Sendschreiben an Fichte*, ou seja a carta que Jacobi escreve em resposta ao apelo de Fichte para inocentá-lo da acusação de ateísmo. Na realidade, essa defesa acaba sendo uma condenação do idealismo fichtiano e de qualquer sistema filosófico baseado apenas na razão. A posição de Jacobi com respeito à relação entre fé e filosofia era completamente oposta à de Fichte, para este a filosofia deve se constituir como uma ciência rigorosa, capaz de deduzir a verdade e expressá-la dedutivamente em um sistema; para Jacobi, por outro lado, filosofia é um raciocínio que não conduz à verdade, aliás, esta só pode provir da fé que é um ato de caráter pessoal e existencial e não pode ser fundado do ponto de vista intelectual.

Caroline, que já havia lido as *Briefen*, uma das principais obras filosóficas de Jacobi na época de seu primeiro casamento, com Clausthal, comenta a *Carta a Fichte* e se posiciona a favor do filósofo, ao mesmo tempo em que reconhece a perspicácia de Jacobi em defender Fichte ao aniquilar o valor de sua filosofia: «achei a carta extremamente agradável e interessante». (C.C., p.147) O que Caroline rejeita é a visão pessoal e transcendente da divindade que Jacobi defendia. O assim chamado “salto mortal” é comparado ao salto de Safo, que se suicida ao se atirar do penhasco de Lêucade porque não pode permanecer sem amor, ou seja a passagem do conhecimento terreno para a fé é, portanto, vista por Caroline como um suicídio. As afirmações de Jacobi «eu não sou nem posso ser, se Deus não é» e «o bem – o que é? – não tenho resposta, a não ser que é Deus» são definidos como perigosos, aliás o bem e sobretudo a sua realização terrena, não podem ser, segundo Caroline, condicionados pela fé que tem um carácter privado:

Agora, para mim, não procuro um deus pessoal; Eu nem mesmo o rejeito, e com prazer deixo que apareça para mim, especialmente quando estou feliz. Nunca na necessidade pensei em voltar meus pensamentos para ele. Aquele lado com base no qual o homem faz sua moralidade depender de uma crença de que ele não pode se dar, e que mesmo aqueles que são iniciados têm apenas nos momentos de iniciação - isso para mim é eternamente ruinoso. (C.C., p. 154)

Podemos concluir que Caroline, como Fichte, está convencida de que o acesso ao bem depende de algo muito mais universal, ou seja, da razão. É, plausível, que para Caroline o aspecto mais interessante da filosofia de Fichte e também aquele que basicamente mais se adequava ao seu posicionamento era a chamada “primazia do prático”.

“Prático” em Fichte não coincide apenas com “moral”, mas indica uma dimensão racional mais ampla para a qual o Eu, em seu pensamento e ação, é o representante da razão universal em si mesma em sua ação, que é sempre uma realização da liberdade em um mundo de seres livres que se relacionam de acordo com as leis morais. O bem é, por conseguinte, tarefa e destino do ser humano, fim supremo da busca da razão.

Podemos ler na carta a Gries: «O bem pelo bem, eu entendo isso nele (na filosofia de Fichte G.C.), isso levanta minha alma; e também admiro a altura do espírito humano e estou interessada no defensor da liberdade de pensamento - independentemente de sua retidão pessoal» (C.C., p.154).

Crítica literária refinada, como observei, Caroline não pôde deixar de comentar sobre a forma de escrever de Jacobi. Chama a sua atenção a metáfora do tricô utilizada por este pensador: «Da parte de Jacobi é muito bom que celebre nele, com tanto calor, aquilo a que também tem uma aversão muito forte; para mim, há apenas uma coisa

entusiasmante na carta. Surpreendentemente cheia de graça e malícia, e tremendamente esclarecedora para mim, é a metáfora do tricô » (C.C., p.154).

Em sua crítica ao papel da imaginação que oscila entre o ideal e o real, Jacobi compara a imaginação à atividade de tricotar que cria apenas realidades ilusórias: «Nesta minha malha faço raios, flores, sol, lua e estrelas, todas as figuras possíveis, e reconheço que tudo nada mais é do que produto da imaginação produtiva dos dedos, oscilando entre o eu do fio e o não-eu agulha de tricô». (Jacobi, citado em GA, III, 2, 235)

A imaginação tudo produz, mas esse tudo não é nada, apenas sua atividade fechada em si mesma e o idealismo nada mais é que uma forma de niilismo. Por causa de sua extrema abstração, ele não pode nem mesmo ser acusado de ateísmo. Como construção mental, não é nem mais nem menos ateu do que a matemática ou a geometria podem ser.

Caroline acerta o alvo: na verdade, essa metáfora brilhante, refinada, irônica e particularmente adequada permaneceu na história da filosofia como uma das mais significativas, ao lado da caverna de Platão. (RADRIZZANI, 2009, p. 38)

Fechando a carta, Caroline informa a Gries que Fichte está pronto para deixar Jena, na verdade ele havia sido demitido tendo Schelling assumido seu lugar.

4. A FILOSOFIA DA NATUREZA

A relação entre Fichte e o Jena Kreis deteriorou-se por causa de alguns mal-entendidos relacionados a um projeto de publicação conjunta que então não se realizou. Em qualquer caso, a figura de Schelling tornou-se cada vez mais significativa e nos anos seguintes a ruptura entre ele e Fichte foi consumada devido à incompatibilidade de alguns conceitos básicos de suas filosofias. Antes mesmo de se manifestar claramente a favor da filosofia da natureza de Schelling, Caroline mostrou os primeiros sinais de afastamento, por enquanto apenas em nível pessoal, de Fichte. É desse período um soneto muito saboroso que Caroline dedica a uma das publicações de Fichte, poucos anos depois do *Atheismusstreit*. Após as críticas de Jacobi e em conjunto com uma inesperada competição teórica de Schelling, Fichte se esforçou para esclarecer a relação entre filosofia e vida, entre saber e ser, investigou a questão da relação entre religião e filosofia e tentou esclarecer em que medida a filosofia da natureza pertencia ao sistema da *Doutrina da Ciência*.

Além disso, esforçou-se por expor novamente os princípios da *Doutrina da Ciência* que, a seu ver, não haviam sido compreendidos, em um texto em forma dialógica intitulado *Comunicado claro como o sol ao grande público* onde se mostra em que consiste propriamente a novíssima filosofia de 1801. Os destinatários desta obra não eram filósofos profissionais, mas um público mais amplo, capaz de compreender os pressupostos e implicações da proposta filosófica de Fichte, sem, no entanto, ter que lidar com difíceis processos dedutivos. Caroline se dedicou à leitura do texto. Embora não haja comentários específicos sobre o conteúdo do escrito de Fichte, ela compôs um soneto que é uma modificação de um soneto do Hamlet de Shakespeare, traduzido por Wilhelm Schlegel para o alemão. Em português pode ser traduzido como segue: «Duvide do sol e sua clareza/Duvide dos astros e seu esplendor/apenas da minha verdade tenha certeza e da sua estupidez, querido leitor».²⁰ (FUCHS, 1980, III, p. 48, trad. G.CECCHINATO)

Aqui se identifica o tom pedante do doutor da ciência que tenta iniciar um jovem leitor ao saber do saber, este último, entretanto, quase não tem papel no desenvolvimento da

argumentação dialógica. Não é difícil admitir também que Caroline possa ter desejado brincar sobre a arrogância dos modos de Fichte.

Essa atitude negativa é fortalecida por razões teóricas à medida que Caroline se aproxima de Schelling e a relação entre este e Fichte se desfaz. Não sabemos em que medida o interesse em questões filosóficas foi uma forma de mostrar afeto pelo jovem Schelling. De todo modo Caroline pedia mais explicações para Schelling queria que ele se esforçasse para explicar os mais novos desenvolvimentos do idealismo. Ela escreve numa carta de janeiro de 1801 a Schelling:

Se apenas você pudesse abrir para mim um caminho entre as cavernas e os cumes das montanhas para sua filosofia; um caminho ordenado e preciso pois, para mim não há nada mais fácil de que estar justamente lá onde a razão aferra a si mesma. Tudo o que escreveu nas cartas para mim acredito que o entendi muito bem, e agora seria excelente se você realizar algo do que falou recentemente: uma representação imaginada para mim. (C.C., p.26)

No mesmo ano Fichte publica na revista *Allgemeine Literatur Zeitung* a sua *Ankündigung der neuen Darstellung der Wissenschaftslehre*. O ponto central desta exposição e da correspondência de Fichte e Schelling daqueles anos é a diferença e, ao mesmo tempo, a relação entre absoluto e saber absoluto. Fichte reitera seu ponto de vista transcendental, ou seja, o absoluto só pode ser tematizado por meio do saber e apreendido por meio do mesmo. Fichte escreve para Schelling: «O absoluto mesmo não é um ser nem um saber, ainda menos é a identidade ou a indiferença dos dois; mas é justamente o absoluto e cada palavra ulterior é demasiada». (Fichte, carta a Schelling del 15 gennaio 1802, in GA III, 5, 112)

Schelling inicialmente manteve o respeito por seu antigo mestre, durante anos ele evitou destacar os pontos de divergência na maneira de compreender a filosofia da natureza. Ambos acreditam na possibilidade de chegar a um acordo, apesar da tensão; no entanto, por volta de 1800 ninguém vai querer mudar a própria posição em relação a questões fundamentais. Fichte, por exemplo, tentou explicar como e com que dignidade a filosofia da natureza pode ser inserida no desenvolvimento da *Doutrina da Ciência*, mas não aceitou que esta fosse colocada no nível da filosofia transcendental, para complementá-la, como sua parte objetiva²¹. Essa era a proposta de Schelling no *Sistema do Idealismo Transcendental*, publicado em 1800.

Para Caroline, que como vimos não se deixava intimidar, a incompatibilidade entre as duas filosofias é clara, tanto que ela pergunta ao futuro marido: «come vocês poderiam apenas ter pensado em um trabalho juntos?» e continua: «Como vejo a questão, estou inclinada a supor que ele (Fichte G.C.) deseja rejeitá-lo junto com a filosofia da natureza como matéria secundária, e ficar com o saber do saber apenas para si». (C.C., p. 25)

Caroline provavelmente teve acesso à intensa correspondência filosófica de Fichte e Schelling e a intenção de Fichte não lhe escapa. O saber do saber, a *Doutrina da Ciência* torna-se assim algo que distingue Fichte, marca o seu legado filosófico e o afasta de Schelling. É preciso lembrar também que a partir de 1800, quando a querida filha Auguste adoeceu e pareceu se beneficiar da aplicação do polêmico método browniano, Caroline passará a olhar as ciências da natureza com outros olhos. O grande interesse por fenômenos naturais como terremotos, galvanismo, magnetismo também cresceu e não se extinguiu, mesmo após a morte dramática da muito jovem Auguste. Seguindo esse fio condutor, podemos entender a veemência com que Caroline defende a filosofia de Schelling contra a de Fichte em 1801. O saber do saber que Fichte afirma ser sua exclusividade acaba sendo árido, sem inspiração e limitado.

Sempre me pareceu que, com toda a sua incomparável capacidade de pensamento, sua forma intimamente articulada de fazer deduções, clareza, precisão, visão imediata do Eu e o entusiasmo do descobridor, ele estivesse, entretanto, limitado.

Eu pensei que isso derivasse do fato de ele não ter inspiração divina. (C.C., p.176)

E continua voltar aos princípios do romantismo que nortearam a produção e a vida do círculo romântico, afirmando que Schelling é superior a Fichte porque o primeiro produziu poeticamente. A poesia representa o elemento vivificador do pensamento, o momento real, e por isso o completa. A filosofia transcendental ilumina, permite-nos ver e entender, mas a poesia cria.

E se você rompeu um círculo do qual ele ainda não conseguiu sair, sou levada a acreditar que então você o fez não tanto como filósofo (...), mas na medida em que você tem poesia e ele não tem. Esta te guiou diretamente para o nível de produção, assim como a agudeza da percepção o guiou em direção à consciência. Ele possui a luz na sua luminosidade mais luminosa, mas você tem o calor também; aquela pode apenas iluminar, este produz. (C.C., p.176)

Assim como havia defendido o idealismo prático de Fichte contra a transcendência de um Deus pessoal, agora ele defende a “praticidade”, a realidade, a concretude da poesia com respeito à abstração de um conhecimento como condição, quase como um filtro, para qualquer outra experiência. E continua: «Veja, é muito fácil para mim supor que aqueles que são capazes de compreender plenamente a geometria também serão capazes de aprender a doutrina da ciência, mas o limite é precisamente este: que seja resolvido de forma tão pura». (C.C., p.176)

Esta parte da carta lembra o significado da Carta de Jacobi a Fichte, para a qual a filosofia de Fichte era um niilismo abstrato. Caroline parece se contradizer em criticar Fichte, mas o sentido geral é que uma filosofia abstrata ou um sistema filosófico rígido deve ser acompanhado por um princípio vital, que Caroline reconhece tanto na poesia quanto na força produtiva que também opera na natureza. Ela também percebe que sua visão não chega a abarcar todas as questões teóricas mais delicadas, porém parece preferir um critério estético a um teórico e pergunta nesta mesma carta: «Agora, não é uma visão graciosa de minha parte?» Com a resposta poética que ela mesma se dá nas seguintes linhas, queremos encerrar nossa contribuição, pois esta exemplifica perfeitamente o tipo de abordagem e visão que Caroline teve da filosofia e que procuramos mostrar: «Algo como uma paisagem sem limites através do buraco da fechadura». (C.C., p.176)

5. BIBLIOGRAFIA

- Appel, S., *Caroline Schlegel Schelling. Das Wagnis der Freiheit*, München: C.H. Beck, 2013.
- Becker-Cantarino, B., *Schriftstellerinnen der Romantik, Epoche – Werk – Wirkung*, München: C.H. Beck, 2000.
- (Hrsg.) *Die Frau von der Reformation zur Romantik. Die Situation der Frau vor dem Hintergrund der Literatur- und Sozialgeschichte*, Bonn: Bouvier, 1980.
- Bürger, C., „Schriften, die nicht Werke sind: Zu Carolines Briefen“, in: I. Stephan, S. Weigel, K. Wilhelms (Ed.), «Wen kümmert's, wer spricht.» Zur Literatur und Kulturgeschichte von Frauen aus Ost und West, Köln/Wien: Böhlau, 1991, pp.161-166.
- Cecchinato, G., “Ironia dos gêneros”, in: *Discurso*, n. 47, 2017, pp. 169-186.
- Cecchinato, G., “Fichte: o papa da novíssima estética?”, in: *Aurora*, v. 42, 2015, pp. 675-688.

- Cecchinato, G. “Qué es el primer romanticismo alemán en último término? Sobre el uso del método de la Konstellationsforschung”, in: F. Oncina Coves (ed.), *Constelaciones*. 1ed. Valencia: Pre-Textos, 2017, pp. 123-140.
- Jacobi, F. H., “Sendschreiben an Fichte”, in: GA III/2, 224-240.
- Radrizzani, I., (ed.), *F.H. Jacobi, Lettre sur le nihilisme et autres textes*, Presentation traduction et notes par Ives Radrizzani. Paris: Flammarion, 2009.
- Kant, I., *Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und des Erhabenen*, AA 02, 205-266.
- Klotz, Chr., “«Synthesis der Geisterwelt» Fichtes Systemskizze im Briefwechsel mit Schelling”, in: *Fichte Studien*, Bd. 25, 2005, pp.43-56.
- Fuchs, E., *Fichte im Gespräch*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1980. Bd. III.
- Lund, H. L., *Der Berliner „jüdische Salon“ um 1800: Emanzipation in der Debatte*, Berlin: De Gruyter, 2012.
- Norbert, O., *Caroline Schelling*, in B. von Wiese (Hrsg.), *Deutsche Dichter der Romantik*, Berlin: Schmidt, 1983, pp. 168-197.
- Reulecke, M., *Caroline Schlegel-Schelling: Virtuosa in der Freiheit. Eine kommentierte Biografie*, Würzburg, Königshausen & Neumann, 2010.
- Fattorini, V., (ed.), *Caroline Schlegel-Schelling: «Ero seduta qui a scrivere»*. *Lettere*, Firenze: Firenze University Press, 2012.
- Schlegel F., *Über Diotima*, in Kritische Ausgabe, [KA], E. Behle, J. Anstett e H. Eichner, Paderborn, Ferdinand Schöningh, 1958 ff.. v. I.
- Schlegel F., *Lucinde*, trad. port. de Constantino Luz de Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2019.
- Scholl, J.W., *Friedrich Schlegel and Goethe, 1790-1802: A Study in Early German Romanticism*, PMLA, Vol. 21, No. 1 (1906), pp. 40-192.
- Rossbeck B., *Zum Trotz glücklich: Caroline Schlegel-Schelling. Biographie*, München: Pantheon, 2009.
- Runge A., *Literarische Praxis von Frauen um 1800. Briefroman, Autobiographie, Märchen*, Weidmann, Hildesheim-Zürich-New York: Olms, 1997.
- Valentini, T., “Fede e sapere nel dibattito tra F.H. Jacobi e J.G. Fichte”, in E. Porras, *Fede e ragione alla luce della verità*, Roma: Santa Croce, 2012, pp. 141-168.
- Zöllner, G., *Fichte Lesen*, Stuttgart -Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2013.

NOTAS

1. Veja-se por exemplo Rossbeck Brigitte, *Zum Trotz glücklich: Caroline Schlegel-Schelling. Biographie*. München, Pantheon, 2009; S. Appel, *Caroline Schlegel Schelling. Das Wagnis der Freiheit*. München C.H. Beck Verlag, München, 2013; M. Reulecke, *Caroline Schlegel-Schelling virtuosa in der Freiheit. Eine kommentierte Biografie*, Würzburg, Königshausen&Neumann, 2010.
2. B. Becker-Cantarino, Barbara (Hrsg.): *Die Frau von der Reformation zur Romantik. Die Situation der Frau vor dem Hintergrund der Literatur- und Sozialgeschichte*, Bonn, Bouvier, 1980. Veja-se sobre isso também o que Kant afirma nas *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* de 1762. Na Terceira seção, intitulada *Da diferença entre o sublime e o belo*

na relação entre o sexo Kant admite que “o belo sexo possui tanto entendimento quanto o sexo masculino; trata-se porém de um belo entendimento, enquanto o nosso deve ser um entendimento profundo [...]. Meditação profunda e uma longa contemplação são nobres, porém difíceis, e não convêm a uma pessoa na qual os estímulos espontâneos não devem mostrar outra coisa que uma bela natureza. O estudo laborioso ou a especulação penosa, mesmo que uma mulher nisso se destaque, sufocam os traços que são próprios a seu sexo; e, não obstante dela façam, por sua singularidade, objeto de uma fria admiração, ao mesmo tempo enfraquecem os estímulos por meio dos quais exerce seu grande poder sobre o outro sexo. A uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora Dacier, ou que trave disputas profundas sobre mecânica, como a marquesa de Châtelet, pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram [...]”. I. Kant, *Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und des Erhabenen*, AA, I, 229-230, 47.

3. Carta a Luise Gotter, de 1781, em V. Fattori (ed), *Caroline Schlegel-Schelling Caroline: «Ero seduta qui a scrivere». Lettere*. V. Fattorini (ed), Firenze University-Press, Firenze, 2012, p.88. Usaremos aqui a preciosa tradução italiana das cartas de Caroline. Essa tradução é baseada na primeira edição de Schmidt, veja-se Schmidt Erich (Hrsg.), *Caroline. Briefe aus der Frühromantik*. Nach G.Waitz vermehrt herausgegeben, Insel, Leipzig 1913. A tradução das cartas é minha, a edição de V. Fattori é citada como C.C. (Cartas Caroline), depois da virgula o número de página.

4. Carta a Mayer de 17 setembro 1792, V. Fattorini (ed.) *Caroline Schlegel-Schelling*: cit. p. 21 «[...] seriamente, o senhor ri-se o pobre camponês, que a cada três dias entre quatro derrama o suor da fronte por seus patrões e à noite o seca com desânimo, sente que poderia e deveria estar melhor? ».

5. O temperamento de Caroline assim como o papel dela no círculo romântico não provocaram apenas admiração, mas também críticas ferozes. Lembramos por exemplos que F. Schiller e a esposa dele a chamavam Dame Luzifer, também L.Tieck e a esposa dela não a tinham em grande simpatia. Depois da separação com A. W. Schlegel até a ex-cunhada, esposa de Friedrich e o próprio Friedrich não reservaram palavras gentis para ela. Cfr. S. Appel, *Caroline* cit. pp. 448-454. Veja também V. Fattorini, *Caroline Schlegel- Schelling*, cit. p. 79 nota 178. O caráter muito forte e a autoridade que exercia no Círculo de Jena ainda hoje, entre alguns pesquisadores, é objeto de críticas e avaliações negativas, veja-se por exemplo J. W. Scholl, *Friedrich Schlegel and Goethe, 1790-1802: A Study in Early German Romanticism*, PMLA, Vol. 21, No. 1 (1906), pp. 40-192, pp. 42-43.

6. Acerca da questão da educação das mulheres no século XVIII veja-se G. Cecchinato, *Ironia dos gêneros*, in «Discurso», 47, 2017, pp. 169-186.

7. O salão era uma instituição social informal alternativa, mas não adversa ao mundo universitário. Parece-me significativo notar que os salões representavam idealmente uma espécie de sociedade ideal, quase todas as classes, pelo menos as classes cultas, as diferentes religiões, puderam ser representadas e essas sociedades foram constituídas, coordenadas e dirigidas sobretudo por mulheres, inteligentes e dotadas de uma “sensibilidade social ou estética” que harmonizava e tornava agradável a convivência e a troca de ideias. Entre os protagonistas desta época, devemos lembrar Rachel Varnhagen, cuja biografia foi escrita por Hanna Harendt. Nesta biografia intitulada “História de uma judia-alemã” podemos ver como o tema da identidade religiosa e da identidade de mulher intrelaçam-se como duas formas de “alteridade”. Sobre a cultura do salão como elemento emancipador e sobre os limites deste modelo de emancipação

veja-se H. L. Lund, *Der Berliner „jüdische Salon“ um 1800: Emanzipation in der Debatte*. Berlin, De Gruyter, , 2012.

8. Ainda é duvidoso quais e quantas das mais de trezentas resenhas publicadas por Schlegel nos anos entre '96 e '99 devem ser atribuídas à mão de Caroline; ela mesma menciona apenas a colaboração na tradução de Shakespeare e do *Gemälde*. Cfr. Oellers Norbert, *Caroline Schelling*, in B. von Wiese (Hrsg.), *Deutsche Dichter der Romantik*, Berlin, Schmidt, 1983, pp. 168-197.

9. Muito conhecido e lido o escrito de Gellert *Briefe, nebst einer praktischen Abhandlung von dem guten Geschmack in Briefen* (1751), atribuída às mulheres uma tendência e um gosto natural para escrever cartas e para o estilo epistolar. Cfr. B. Becker-Cantarino, *Schriftstellerinnen der Romantik, Epoche – Werk – Wirkung*, München, C.H. Beck Verlag, 2000, pp. 164-165.

10. «Entre os românticos de Jena, havia uma troca constante de cartas, no centro das quais muitas vezes estava Caroline: a Friedrich Schlegel ela transmitia regularmente as cartas de Novalis, e grande parte da correspondência de Wilhelm passou para suas mãos », cfr. V. Fattorini, *Caroline* cit. *Introduzione* p. 30.

11. Friedrich Schlegel a Caroline, Berlim, 12 dezembro 1797, V. Fattorini (ed), *Caroline Schlegel-Schelling* cit. p. 241.

12. Carta a J.D. Gries de 9 junho de 1799: «O senhor sabe que falo dessas coisas sem um qualquer conhecimento do uso filosófico ou metafísico dos termos; além disso eu não conheço nada acerca das muitas exigências do espírito especulativo e fico tranquilamente satisfeita com o fato que, no que diz respeito à ciência do infinito e do ilimitado, nem todos têm tão poucas pretensões quanto eu».

13. O fragmento 216 reza: «A Revolução Francesa, a Doutrina da ciência de Fichte e o Meister de Goethe são as maiores tendências da época. [...]». [*Die Franz.sische Revolution, Fichtes Wissenschaftslehre, und Goethes Meister sind die größten Tendenzen des Zeitalters..*] F. Schlegel, KFSa, , vol. 2, p. 198.

14. Carta a Julie e Karl Schlegel, de julho 1796.

15. Para ter uma ideia de como Fichte e o Círculo romântico foram alvo de intelectuais iluministas e litrados da época veja-se G. Cecchinato, *Fichte: o papa da novíssima estética?*, in «Aurora », v 42, 2015, pp. 675-688.

16. Para uma síntese clara das posições de Fichte e Jacobi cfr. T.Valentini, *Fede e sapere nel dibattito tra F.H. Jacobi e J.G. Fichte*, in E. Porras, *Fede e ragione alla luce della verità*, Roma, Edizioni Santa Croce, 2012, pp. 141-168.

17. Veja-se o comentário de Steffens às medidas contra Fichte: «*Wir waren empört, wir glaubten darin ein Attentat gegen den Geist freier Untersuchungen zu erkennen*» citado da V. Fattorini, *Caroline*, cit., p 210 nota 10.

18. Lettera a Luise Gotter del 24 aprile del 1799, in V. Fattorini, *Caroline*, cit. p. 147 «só com apreensão que posso escrever para você sobre o que você me pergunta - sobre o caso Fichte. Acredite em mim, para todos aqueles que preferem um comportamento honesto e franco, é muito desagradável»

19. Lettera a Luise Gotter del 24 aprile del 1799, in V. Fattorini, *Caroline*, cit. p. 147: «Agora todos os funcionários da corte, todos os professores que Fichte deixou na sombra (no inverno passado ele tinha 400 ouvintes) clamam contra sua arrogância, sua imprudência. Eles o abandonam, o evitam».

20. O soneto traduzido por Schlegel: *Zweifle an der Sonne Klarheit, /zweifle an der Sterne Licht, /zweifle, ob lügen kann die Wahrheit, /nur an meiner Liebe nicht*. A versão “fichtiana” de Caroline: *Zweifle an der Sonne Klarheit, /zweifle an der Sterne Licht, /nur an meiner*

Wahrheit, /und an deiner Dummheit, liebe leser/ zweifle nicht. Cfr. E. Fuchs (ed.) *Fichte im Gespräch*, Stuttgart-Bad Cannstatt, 1980, III, p. 48

21. Sobre a correspondência entre Fichte e Schelling e particularmente sobre as tentativas de Fichte de encontrar um ponto de encontro com Schelling veja-se C. Klotz, «*Synthesis der Geisterwelt*» *Fichtes Systemskizze im Briefwechsel mit Schelling*. In «Fichte Studien». Grundlegung und Kritik Der Briefwechsel zwischen Schelling und Fichte 1794 – 1802, Bd. 25, 2005, pp.43-56.

RESUMOS

The aim of this paper is to try an interpretation of the philosophical thought of Caroline Bhöme-Schlegel-Schelling through some passages of her correspondence. With that end in view, I will first briefly explain some significant biographical notes; secondly, I will clarify the literary and personal value of Caroline's correspondence; and finally, I will consider personal philosophical thought of Caroline in relation to the *Atheismusstreit* and to the quarrel between Fichte and Schelling.

ÍNDICE

Keywords: Caroline Schlegel-Schelling, Ateismusstreit, Fichte, Schelling

AUTOR

GIORGIA CECCHINATO

Universidade Federal de Minas Gerais